

O EMPREENDEDORISMO NA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

ENTREPRENEURSHIP IN CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS' PRACTICE

Silvana Neumann Martins*
João Jardim Cezar Mariano**
Mariângela Costa Schneider***
Jacqueline Silva da Silva****

RESUMO

Perpassa este texto o entendimento de que o empreendedorismo é um conceito que extrapola o campo empresarial, relacionando-se a todo e qualquer contexto em que existam pessoas que se percebem como capazes de tornar sonhos em realidade (DOLABELA, 2003). Esta pesquisa possui abordagem qualitativa e busca averiguar se os pressupostos da Pedagogia Empreendedora se manifestam na prática cotidiana de professores sujeitos desta pesquisa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário com quatro professores, três do sexo feminino e um do sexo masculino, que atuam na Primeira Etapa da Educação Básica - a Educação Infantil - em um município localizado no Vale do Taquari, RS, Brasil. Como resultados, verificou-se que muitos professores manifestam características empreendedoras no seu fazer docente, de acordo com características desenvolvidas por Dornelas (2012).

Palavras-chave: Pedagogia Empreendedora. Professores. Educação Infantil.

ABSTRACT

The notion underlying this text is that entrepreneurship goes beyond the business area and is connected with each and every context where there are individuals who see themselves as capable of making dreams come true (DOLABELA, 2003). This research has a qualitative approach and investigates if the assumptions of the Entrepreneurial Pedagogy

* Doutora em Educação – PUC – RS (2010); Mestre em Educação – PUC – RS (2005); Especialização e Ensino de Literatura (2001) e Especialização em Gestão Universitária (2007). Graduada em Letras – Licenciatura Plena – Habilitação em Português e Literaturas pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Alto Taquari (1987). Docente permanente na Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Professora do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas e do Mestrado em Ensino da mesma IES. smartins@univates.br

** Bolsista de iniciação científica – Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Graduando do curso de Direito – UNIVATES. joaojardimmariano@gmail.com

*** Doutoranda em Ensino – Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES – Bolsista Prosuc – Capes - taxa; Mestra em Ensino – Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES (2015). Especialista em Orientação Educacional pela faculdade Dom Alberto (2013). Graduada em Pedagogia – Centro Universitário UNIVATES (2010). Experiência em Gestão, Educação Infantil, Anos Iniciais, formação de professores. mariangelac@universo.univates.br

**** Doutora em Educação – UFRGS – 2011, Mestre em Educação – PUC/RS – 1997, Graduação em Pedagogia – UNISC – (1993). Professora titular da Universidade do Vale do Taquari, onde atua como professora permanente do Mestrado em Ensino. Experiência na Educação, com ênfase em Educação Infantil. jacqueh@univates.br

are present in the daily practice of the teachers/subjects of this research. Data were collected through semi-structured interviews and a questionnaire with four teachers, three female, and one male, who teach in the First Phase of Basic Education – Childhood Education – in a municipality located in the *Vale do Taquari*, RS, Brazil. As an outcome, one could verify that numerous teachers show entrepreneurial characteristics in their practice, according to the characteristics described by Dornelas (2012).

Keywords: Entrepreneurial Pedagogy. Teachers. Childhood Education.

Introdução

As problematizações em torno dos objetivos centrais da educação são temáticas discutidas em diversas áreas. Muito se questiona a respeito dos reais significados da educação para uma sociedade que parece encaminhar-se cegamente ao caos. As escolas, cada vez mais voltadas ao “treinamento” para o vestibular, muitas vezes não conseguem encontrar formas para construir uma educação integral, que amplie o olhar do indivíduo a respeito do mundo, de maneira crítica.

Estas discussões sobre os reais propósitos da educação, uma educação que precisa, a cada dia atuar mais frente a diversas mazelas sociais, humanísticas, econômicas, planetárias, e em meio a tudo isto, ainda “preparar para o vestibular”, parecem estar encaminhando-nos para uma angústia sem fim. A crise posta na educação não é somente um privilégio desta área. A sociedade como um todo está vivendo uma crise de valores que percorre diversos campos.

Em meio a tudo isso, muitos autores da área educacional vêm apontando para a construção de uma educação que possa libertar, questionar, problematizar, ensinar a pensar, fazendo com que os indivíduos se formem com a atitude de transformar e de inovar, utilizando-se da possibilidade de criação para resolver problemas que surgem no dia a dia.

Demo (2001) abre seu livro com a provocação de que saber pensar não é só pensar, é também saber intervir. Ele diz que quem sabe pensar não faz por fazer, sabe o como e o porquê de fazer. A esta provocação de Demo, podemos agregar mais alguns autores, como: Paulo Freire que trabalhou longos anos fazendo árduas críticas ao que ele chamava de educação bancária; e Rubem Alves, que sempre nos alertou para escolas gaiolas. Assim, poderíamos citar tantos outros autores da área educacional que vêm nos colocando o quanto precisamos favorecer o debate e o pensamento crítico nas nossas escolas.

Porém, neste texto, queremos trazer para reflexão um outro debate, que vai ao encontro destes educadores e pensadores a respeito da educação, e que, apesar de ter

emergido de outro campo, o campo da gestão, vem trazendo ao campo educacional um complemento: a capacidade de empreender. Segundo Dolabela (2003), temos características empreendedoras desde a infância, e, quando exploradas, podem ser alternativas para enfrentar as diversas situações e desafios cotidianos.

Entende-se por empreendedorismo, em qualquer área, a capacidade de sonhar e de tornar o seu sonho realidade (DOLABELA, 2003). Este sonho pode ser grande ou pequeno, de curto ou de longo prazo, individual ou coletivo, de vida ou de um período da vida. O empreendedor é aquele que inova e cria caminhos únicos para alcançar seus objetivos. Existem vários tipos de empreendedores, já elencados e descritos por Dornelas (2012), que atuam em benefício social e coletivo, ou em causas empresariais e humanitárias, porém, não é objetivo deste artigo discutir as características de cada um, mas sim, perceber o quanto o empreendedorismo está presente na vida de todas as pessoas, de maneira direta ou indireta.

Devido às diversas transformações da sociedade, que continuam a acontecer diariamente e em uma velocidade cada vez mais intensa, o ser humano teve que adquirir novas estratégias para resolver os desafios cotidianos, em busca de seus objetivos. Estes objetivos podem estar relacionados tanto a questões individuais, como conseguir ou manter-se no emprego, ou organizar uma empresa, quanto podem relacionar-se a causas humanitárias, sociais. Essas estratégias são entendidas como características comportamentais de um líder empreendedor, pois acreditamos que tal diferenciação do modo de ser, agir e pensar faz uma completa diferença tanto no ambiente de trabalho, quanto em qualquer setor da vida humana.

Conforme Mosé (2015), de um capitalismo de produtos, surge agora um capitalismo de conceitos, que vende o que agrega valor. Por isso, o investimento maior vem sendo no ser humano, porque inovar e resolver conflitos é próprio do ser humano. Os criativos, segundo essa filósofa, serão os mais disputados, os grandes geradores de riqueza. Porém, é importante ressaltar que uma pessoa criativa, que inova e constrói caminhos e que empreende na formação de caminhos ainda não percorridos, não acrescenta somente riquezas do ponto de vista econômico, mas sim, expande-se a todas as áreas: sociais, políticas, humanas.

Assim, acreditamos que desenvolver o perfil empreendedor pode ser uma alternativa para que os indivíduos possam atuar em prol do desenvolvimento social, superando desafios, tanto pessoais como profissionais. Para isso, devem ser desenvolvidas diversas qualidades, como capacidade de organização, otimismo,

determinação, ser dinâmico, visionário, saber tomar decisões em momentos corretos e explorar ao máximo as oportunidades, fazer a diferença, gostar do que faz, ter um bom networking, possuir o conhecimento necessário, saber correr riscos, criar valor para a sociedade e ainda agir como um líder (DORNELAS, 2012).

Várias destas características fazem parte, também, dos objetivos da educação empreendedora que segue pressupostos de formação de cidadãos críticos, criativos, autônomos, responsáveis. Atualmente, são os cursos da área da Administração que mais trabalham com a tentativa de desenvolvimento do empreendedorismo em seus cursos. Porém, acredita-se que este desenvolvimento possa se dar desde a infância, e não somente no Ensino Superior.

Estudos acerca do empreendedorismo apontam que um dos mitos voltados a esse termo é que as características empreendedoras estão presentes em apenas alguns seres humanos. Mendes (2011), referindo o autor austríaco Kirzner, coloca o empreendedorismo como um processo de mudança nos meios para atingir determinados fins, e que requer atenção a oportunidades. Embora o empreendedorismo seja visto, geralmente, como uma qualidade de pessoas especiais, o autor coloca que todas as pessoas estão atentas e inovam em diferentes níveis, uma vez que a mudança é inerente ao ser humano e, portanto, a atenção, a improvisação e a criatividade são características necessárias. Dornelas (2012) afirma ainda que tais características podem ser desenvolvidas, e Dolabela (2003), além de acreditar nisso, entende que todos temos traços delas desde o nascimento e que, ao trabalharmos com as crianças desde pequenas, essas habilidades podem ser aprimoradas.

Não é necessário mencionar que esta forma de enfrentar as incertezas do mundo é um princípio que poderá fazer com que os indivíduos auxiliem no desenvolvimento como um todo, permeando todas as áreas.

Nesse contexto, surge o conceito de Pedagogia Empreendedora (DOLABELA, 2003), uma metodologia de ensino que foi criada pelo autor para ser desenvolvida na escola. Tem como um dos objetivos construir o entendimento de que o empreendedorismo tem como origem e como essência a emoção do indivíduo, a energia que o leva a transformar-se e transformar a sua vida. Para o autor, foi necessário criar um referencial teórico que sustentasse tanto a esfera do saber quanto a do ser, migrando da área empresarial para todas as áreas da atividade humana.

Trata-se de uma proposta que levou em consideração as prioridades sociais brasileiras que, segundo Dolabela (2003), deveriam estar relacionadas às questões

culturais emergentes no nosso país, sendo inconcebível importar modelos, centrando-se na construção do desenvolvimento humano e social, incluyente e sustentável. A ideia base desta proposta está em quebrar paradigmas a respeito do empreendedorismo tradicional, nascido na empresa e centrado exclusivamente no fazer empresarial, que prioriza o crescimento econômico, geralmente concentrando renda e reproduzindo padrões geradores de miséria.

A proposta da Pedagogia Empreendedora é a de trabalhar com conceitos empreendedores desde a educação infantil, uma vez que o empreendedorismo de que se fala centra-se na produção de capital humano, isto é, no desenvolvimento das potencialidades humanas. De modo geral, a Pedagogia Empreendedora baseia-se em desenvolver ou mesmo aprimorar no aluno o desejo de experimentar, de inovar, de potencializar suas ideias, estimulando-o a persistir, planejar e fazer com que as oportunidades se concretizem.

A Pedagogia Empreendedora utiliza uma metodologia que instiga o educando a refletir sobre o seu sonho, fazendo-o perceber que o conhecimento escolar pode dar significado à vida, criando assim, caminhos e estratégias que o conduzirão a realizá-lo. Ao desenvolverem tais estratégias, espera-se que os alunos desenvolvam habilidades como: a autoestima, a comunicação escrita e oral, o pensamento lógico e racional para solucionar problemas, a tomada de decisão, o aprendizado colaborativo/cooperativo, a responsabilidade social, o exercício da cidadania, entre outras habilidades. Com isso, acreditamos que um país mais empreendedor consiga reverter o atual quadro de desequilíbrio social, ambiental, econômico, e que quanto mais pessoas empreendedoras nas mais diversas áreas, maiores as oportunidades para todos.

Metodologia

Os dados deste artigo foram obtidos com o auxílio de um bolsista de iniciação científica CNPq, o qual estava vinculado a uma pesquisa intitulada: *A pedagogia empreendedora no dia a dia da Educação infantil*, que teve como objetivo averiguar se os pressupostos da Pedagogia Empreendedora se manifestam na prática cotidiana de professores que atuam na Educação Infantil. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, sendo que os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário com quatro professores, três do sexo feminino e um do sexo masculino,

que atuam na Primeira Etapa da Educação Básica - a Educação Infantil - em um município localizado no Vale do Taquari, RS, Brasil.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no local de trabalho dos professores. Primeiramente, houve uma breve conversa com os sujeitos envolvidos, explicando a ideia da pesquisa, os objetivos e as relações com o fazer docente. Foi entregue, posteriormente, um questionário, contendo duas partes, sendo a primeira sobre o perfil empreendedor de cada professor, com as 13 principais características de uma pessoa empreendedora, segundo Dornelas (2012): *1-Visionário; 2-Sabe tomar decisões; 3-Indivíduo que faz a diferença; 4-Sabe explorar ao máximo as oportunidades; 5-Ser determinado e dinâmico; 6-Otimista e apaixonado pelo que faz; 7-Independente e sabe construir o próprio destino; 8-Líder e formador de equipes; 9-Ser bem relacionado; 10-Organizado; 11-Possuem conhecimento; 12-Assumem riscos calculados; 13-Criam valor para a sociedade*. Ressalta-se que foi realizado um breve esclarecimento sobre do que se trata cada uma delas. Nessa primeira etapa, os educadores informaram se essas características se encontram desenvolvidas, em desenvolvimento ou se precisam ainda ser desenvolvidas, justificando suas escolhas.

Após o término da primeira parte da pesquisa, foi realizada a entrevista semiestruturada, que foi gravada e, após, transcrita. Primeiramente, foi realizada uma conversa com o grupo de professores, situando os objetivos da pesquisa e também o referencial teórico para inteirar os professores do assunto. Em seguida, foi solicitado para que os sujeitos pesquisados comentassem sobre suas práticas na escola de Educação Infantil, objetivando averiguar se os pressupostos da pedagogia empreendedora se manifestam na prática cotidiana dos entrevistados.

Posteriormente, os sujeitos pesquisados foram contatados para eventuais complementações ou modificações nas informações prestadas. Igualmente, cada professor entrevistado assinou o seu contrato de colaboração através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Cabe mencionar que os sujeitos pesquisados participaram deste estudo por adesão. Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, ao longo do artigo, estes são denominados de Professor 1 (P1), Professor 2 (P2) e assim sucessivamente. Os dados produzidos, que foram analisados a partir de alguns dos pressupostos da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2012), são apresentados na próxima seção.

A Pedagogia Empreendedora: pressupostos teóricos

Nesta seção, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta o presente estudo. Conforme Dolabela (2003), a Pedagogia Empreendedora não deve ser utilizada de maneira ampla, isto é, ela não pode ser “aplicada” simplesmente, necessitando estar relacionada à cultura em que a escola está inserida para que possa ser efetiva e trazer significado para alunos, professores e comunidade em geral.

A relação desta metodologia com a cultura permite uma reflexão importante. Dolabela (2003) alerta para o fato de estarmos imersos em uma educação que nos torna prisioneiros de valores sociais não empreendedores. Além disso, muitas vezes, a escola que deveria auxiliar na libertação do indivíduo, acaba fazendo com que ele se torne ainda mais prisioneiro dos padrões sociais. Para exemplificar, o autor traz a fala de duas professoras de crianças com poucos recursos financeiros, a partir das quais demonstra o quanto estamos imersos em uma cultura que muitas vezes segrega e não credita valor à potencialidade de cada indivíduo: “Tenho um problema: as crianças estão sonhando sonhos grandes demais para elas”; “Não posso levar as crianças para conhecer a padaria; elas nunca viram bolos nem confeitos” (DOLABELA, 2003, p. 16-17).

Para endossar esta reflexão, trazemos o questionamento do próprio autor a respeito destas prerrogativas das professoras:

Quem pode se arrogar o direito de privar as crianças do conhecimento por medo de que elas venham a desejar o que passaram a conhecer? E quem pode definir o tamanho do sonho de cada um? Com tais observações - que não precisam de palavras para ser captadas pelos alunos -, percebe-se que a escola, justamente a escola, se encarrega de fazer a criança entender que a educação separa, impõe limites, preserva poderes, exclui (DOLABELA, 2003, p. 17).

Nesse sentido, muitos dos pressupostos da Pedagogia Empreendedora de Dolabela vão ao encontro dos pensadores da educação que vêm há muito idealizando uma educação que possa libertar, transformar, problematizar e potencializar. Alves (2015, p. 99) afirma que: “A primeira coisa na educação não é ensinar uma coisa, é criar esse ambiente de liberdade, de curiosidade”. Madalena Freire (2015) também problematiza esta questão, colocando que o conhecimento implica sempre uma reconstrução dialógica com o outro a partir dos sentidos e dos significados.

Com base nas ideias desses dois autores, podemos ampliar o debate a respeito do que traz Dolabela. Como veremos mais adiante, quando as professoras colocam que as crianças estão sonhando alto demais para a realidade em que vivem e quando estão

privando-as de conhecer um espaço por “nunca” terem visto algo parecido, essas docentes estão negando a possibilidade de essas crianças libertarem-se, explorarem a sua curiosidade, construírem sentidos e significados, ampliarem seu repertório de vivências. Isto é, estão negando a possibilidade de cidadania, de seguir em frente, de acreditar. Essa limitação é de extrema relevância política e social, pois discrimina e segrega, mantendo o atual sistema excludente, em que os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres.

Para que possamos superar estes obstáculos educacionais e culturais, precisamos visualizar uma escola verdadeiramente libertadora e para todos. A fim de atingir estes objetivos, é necessária uma educação que trabalhe mais com o pensamento. Demo (2001), por exemplo, aborda a questão de o saber pensar que também se relaciona com lógica, argumento, aprendizagem, inovação, pesquisa e ciência.

O saber pensar, como já evidenciamos anteriormente, diz respeito ao saber intervir. Esse saber, segundo Demo (2001), pode ser desaprendido em instituições educacionais que trabalham com processos instrucionais reprodutivos. Nesse sentido, a capacidade de empreender, de inovar, seguindo os pressupostos da Pedagogia Empreendedora de Dolabela (2003), poderá impedir que a criança se torne prisioneira de valores sociais não-empreendedores.

O processo a que nos referimos é como uma rede: todos os pontos estão relacionados entre si. Uma vez que evidenciamos a pergunta como ponto de partida para a aprendizagem, há a produção de sentido. E, a partir da problematização, do exercício do pensamento, pode-se construir a inovação. Demo (2001) salienta que saber pensar inclui saber inovar. Alves (2015) coloca que aprendemos a fazer coisas e outras invenções herdamos, mas algumas temos que inventar. Para ele, a invenção é necessária para o ser humano, porque é do humano a necessidade de completar-se.

Segundo Dolabela (2003), a Pedagogia Empreendedora requer tomar as crianças como guias. O autor ressalta que, no Ensino Médio e na Educação Superior, precisamos libertar o empreendedorismo de cada um. Já na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, a nossa tarefa é não o aprisionar, uma vez que nascemos com a capacidade de questionar, de inventar, de pensar, mas aos poucos essa curiosidade vai se aprisionando.

Para ser possível que a educação empreendedora ocorra nas escolas, Dolabela (2003) criou uma estratégia didática, que tem como objetivo o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio. Essa estratégia não se propõe em ser uma metodologia educacional restrita ao campo

empreendedor, mas sim convivendo com as diretrizes fundamentais de ensino básico, o qual despertará o potencial empreendedor dos jovens, através de uma linguagem simples e atrativa.

Dolabela (2003, p. 91) relata que “Haverá dois desafios relevantes ao se implementar a Pedagogia Empreendedora”. Sendo eles, resumidamente: “entender a capacidade do aluno e descobrir a linguagem e os processos motivacionais para que ele responda à pergunta fundamental: Qual é seu sonho e que você fará para realizá-lo?”. No projeto idealizado pelo autor, a ideia do sonho e o que você está fazendo para torná-lo realidade é o que sustenta a base da pesquisa. Assim fica mais fácil para o estudante entender o que ele realmente deseja, mesmo que isso mude constantemente, deixando o professor com um papel diferenciado, porém de extrema importância:

Na construção do sonho e na busca de sua realização, o aluno não será tutelado, mas apoiado. A estratégia proposta elimina a censura e o controle sobre a formulação do sonho, a não ser quanto à ética, em que o pacto coletivo deverá prevalecer. O aluno deverá ser estimulado a tomar suas decisões e a entender autonomamente o papel do erro na construção do conhecimento, assim como a descobrir por si mesmo os processos que podem levá-lo a alcançar o que deseja (DOLABELA, 2003, p. 105).

É importante destacar, ainda, que o empreendedorismo deve ser visto como “uma forma de ser”, para assim defender todas as ações empreendedoras, sendo elas lucrativas ou não. Dessa forma, desmistifica-se o pensamento, já ultrapassado, de que apenas existem pessoas com tais perfis em empresas, o autor ainda complementa dizendo que:

Essa migração do conceito do âmbito da empresa para todos os demais atinge o empregado em organizações, chamado de intraempreendedor, alguém capaz de inovar, de propor à instituição onde trabalha caminhos que possam conduzir à ocupação adequada de um espaço no seu ambiente de atuação, otimizando os resultados institucionais (DOLABELA, 2003, p. 36).

Nesse contexto, podemos perceber que os preceitos da Pedagogia Empreendedora vêm ao encontro dos anseios da escola, que enfrenta cotidianamente problemas, como falta de recursos, evasão escolar, uma vez que traz alternativas tanto para o ensino quanto para a aprendizagem. Conforme Martins (2010, p. 15), o desafio está nas mãos dos profissionais da educação que precisam encontrar soluções inovadoras. Para que isso aconteça, segundo a autora, é “necessário empreender esforços para conhecer como ocorre o processo de pensar e agir criativo dos alunos e de que forma a aprendizagem influencia e é influenciada no universo pedagógico”. Por isso, a pesquisadora ressalta que cabe aos educadores a capacidade de arriscar formas inusitadas de agir em sala de aula,

indo ao encontro de uma educação empreendedora. Sendo assim, objetiva-se mostrar o quanto professores empreendedores podem ressignificar suas aulas, endossando e aprimorando características empreendedoras em seus alunos, fazendo com que melhore a qualidade do ensino e qualifique a aprendizagem.

Resultados e discussões

Apresentamos, a seguir, a análise dos dados que emergiram ao longo das entrevistas e, igualmente, a partir das respostas desenvolvidas ao longo dos questionários, pelos professores. A partir das características do Perfil Empreendedor emergentes nas falas dos professores, verificamos a existência ou não das habilidades empreendedoras nos pesquisados e nas suas respectivas práticas pedagógicas.

O Perfil empreendedor e algumas características que o definem

Os professores pesquisados, atuantes na Educação Infantil, mostraram que, de alguma forma, apresentam-se visionários perante seus alunos. Isto é, possuem um olhar mais amplo a respeito dos passos posteriores a serem dados, a fim de atingirem objetivos futuros junto à turma. P4 ressaltou que possui o hábito de conhecer as crianças e traçar metas para a turma nos dois primeiros meses de aula, identificando seus objetivos de ensino e de aprendizagem. Já P1 indicou: “Acredito que sempre devemos buscar mais. Procuo oferecer e mostrar para meus alunos o diferente. O criar a partir de...”.

P3 foi além, pois também atua no Ensino Fundamental, e colocou que realiza uma atividade em que relaciona o futuro dos alunos com uma prática pedagógica, isto é, projetando um olhar visionário no corpo discente: “É a carta do futuro, que já vem acontecendo há anos”, apontou P3. Por vezes, a carta foi aberta trimestralmente, momento em que o grupo lia em conjunto e colocava as ações. Em outras vezes, P3 relatou que abre a carta apenas no final do ano letivo. O sujeito pesquisado também colocou que faz um trabalho em que ressalta, junto aos alunos, a visualização de seus sonhos, suas metas para o futuro e as ações para atingi-las. Ressaltou realizar com as crianças da Educação Infantil atividades que também sugerem um pensar no futuro. E termina sua fala questionando: por que não sonhar quando somos crianças? A atitude deste professor vai ao encontro da fala de Dolabela (2003), o qual entende que uma visão empreendedora sobre assuntos cotidianos de uma sala de aula, muitas vezes, vai fazer uma grande diferença na prática

pedagógica. Por exemplo, diversificando as formas de trabalho, pode-se ampliar as possibilidades para professor e aluno trilharem juntos a caminhada do ensinar e do aprender.

A respeito da característica do profissional *saber tomar decisões a partir de imprevistos ou em momentos que não foram planejados*, a qual envolve questões de segurança e autoconfiança no fazer pedagógico diário, os sujeitos pesquisados apontaram que este aspecto já estava em desenvolvimento ou que ainda precisavam desenvolver, como no caso de P1, que diz que encontra dificuldade de redirecionar seu planejamento a partir das adversidades cotidianas, acreditando que muitas das escolhas feitas no seu fazer pedagógico determinam a facilidade ou a dificuldade da resolução de situações problemas. Por fim, ele complementa sua fala dizendo: “Confesso que encontro limitações em lidar com a adversidade”.

Contudo, outros professores já estavam com esta característica em desenvolvimento. É o caso de P3, segundo o qual, a partir do planejamento prévio, sente mais segurança nas decisões em sala de aula. Antes de toda aula, planeja, pensa e levanta hipóteses, conseguindo assim, facilitar suas decisões em sala de aula. P4 revela que tem inseguranças nessa área, tendo que pensar muito antes de tomar qualquer atitude. Normalmente pede ajuda aos companheiros, pois assim, segundo o professor, adquire mais confiança. As falas dos professores nos remetem a Dornelas (2012), ao referir que a tomada de decisão é parte essencial para todos os seres humanos, em qualquer área de atuação. Ter a atitude de tomar uma iniciativa e, depois, de tomá-la, ter a confiança necessária para transmitir com segurança a sua opinião para os outros, é a essência de saber tomar uma boa decisão.

Uma das características que foi bem explorada pelos professores foi a do “Indivíduo que faz a diferença”, isto é, aquele que transforma a possibilidade em realidade. Esta se encontrava, em sua maioria, desenvolvida, como no caso de P3, que exemplifica seu pensamento: “Sinto necessidade em fazer a diferença, gosto de fazer algo que marque a vida dos meus alunos, das minhas crianças”.

O mesmo ocorreu com P1, que mostrou que esta característica era seu ponto forte, principalmente quando a aula está voltada a conteúdos os quais domina e tem mais prática. O referido professor ainda complementa dizendo que nem sempre o que o professor tem a oferecer vai ser suficiente para o aluno, e é por isso que, muitas vezes, o aluno não se aproxima do que é oferecido. O sujeito pesquisado explica, ainda, que tenta fazer um levantamento do que precisa ser ensinado e o que os alunos querem aprender.

Com base nessas informações, o professor define diferentes caminhos de trabalhos. Ele também relatou uma experiência com uma aluna que apresentava resistência frente a situações envolvendo esportes desafiadores, isto é, adaptação de espaços comuns em espaços especiais, com cordas, *slacklines*, etc. P1 conta que, após os incentivos do professor, dizendo que ela deveria experimentar e sentir as diferentes sensações, a aluna se sentiu encorajada a tentar participar da atividade e começou a gostar. Com o tempo, até foi possível aumentar as dificuldades do desafio. P1 conta que fez a aluna sair da sua zona de conforto, o que a levou a uma mudança considerável de comportamento. Dessa forma, entendemos que P1, com uma postura de incentivo e de aposta na ação da criança, realmente conseguiu fazer a diferença com esta criança. Levando essa experiência em consideração, cabe referir Trutmann (2012), que aborda a importância de fazer a diferença na vida das pessoas e entrar em evidência, conseguindo assim, mais facilidade no surgimento de novas oportunidades.

P4 explicou que, primeiro, devemos conquistar nossos alunos, mesmo sendo difícil. Colocou que está sentindo essa dificuldade, tendo em vista que é seu primeiro ano na escola, mas acredita que uma boa conversa pode fazer a diferença na vida de uma pessoa: “[...] uma conversa, um conselho, enfim, pode mudar a vida de alguém, certo?”.

Acerca de “Saber explorar ao máximo oportunidades”, a maioria dos pesquisados mostrou que esta característica estava na fase de desenvolvimento e, para alguns, já estava desenvolvida. P4, o qual entendeu que tal característica encontrava-se desenvolvida, contou um pouco das suas experiências: “As boas ideias podem surgir de uma simples conversa com o próprio aluno. Até mesmo nos conflitos”. Conforme P4, as oportunidades podem surgir de onde menos se espera, mas saber reconhecê-las é importante, pois mesmo sendo algo simples, pode ter muito a oferecer. P1 ainda acrescentou que consegue fazer com que seus alunos se divirtam e aprendam ao mesmo tempo, com atividades simples, como brincadeiras com cordas.

Trazendo uma outra visão do assunto, P3 contou que aproveita os momentos de escrita de pareceres avaliativos para refletir. Nesse processo, consegue encontrar possíveis soluções para as dificuldades encontradas em suas práticas pedagógicas, além de encontrar novas ideias para propor para seus alunos.

Sobre “Determinado e Dinâmico”, os professores mostraram, a partir de seus relatos, que tal característica, para alguns, encontrava-se desenvolvida, o que não ocorria na mesma intensidade para outros. P3, o qual mencionou que esta característica estava desenvolvida, comentou que: “[...] faz coisas diferentes em suas aulas” e, por isso, tem o

reconhecimento do próprio aluno e da família, sendo isso a maior prova de que vale a pena o professor ser diferenciado dentro da sala de aula e no seu fazer pedagógico.

Já P1 afirmou que tal habilidade ainda se encontra em processo de desenvolvimento, pois, muitas vezes, ele encontra dificuldades em lidar com algumas situações oriundas da aula, o que resulta em inúmeras dificuldades dentro dos processos de ensino e aprendizagem. O sujeito pesquisado também relaciona esse assunto com suas atitudes pedagógicas empreendedoras, tendo em vista que ele não consegue agir com essas “atitudes” em todos os momentos: “Principalmente porque não conseguimos olhar para nós mesmos e perceber se estamos ou não tendo atitudes empreendedoras (P1)”.

Ainda sobre ser determinado e dinâmico, P4 afirmou também que essa habilidade estava em desenvolvimento, pois ainda sente algumas dificuldades, como: “Sinto que, em alguns momentos, os obstáculos me desanimam”. Nesse contexto, vale salientar que o determinismo está diretamente ligado à persistência e às situações problemas, assim como descreve P1: São como as dificuldades que se encontram no dia a dia, e devemos saber superá-las, mesmo que se erre nas primeiras vezes, sendo persistente e determinado para não desistir”.

Na parte do questionário, a qual tratava sobre ser “Otimista e Apaixonado pelo que faz”, alguns sujeitos pesquisados apontaram que essa característica se apresentava em desenvolvimento, e a maioria deles considerou que ela já estava desenvolvida. P3 explicou que, apesar de ser aposentada, continua trabalhando, pois não se vê fora do ambiente escolar. Esse sujeito afirmou que sempre foi e ainda é apaixonado pela educação e pelo fazer diferente, pela autonomia do aluno e do professor. Fazer o que os dois tem interesse/necessidade é o princípio de um bom projeto de aprendizagem. P4, o qual respondeu que a característica ainda estava em desenvolvimento, explica sua resposta dizendo que sempre foi apaixonada pela sua profissão, contudo, revela que, com o passar dos anos, teve que se esforçar mais para não perder esta mesma paixão. P1 também mencionou que não se tem hora para aprender, e complementou:

Sempre existe oportunidade de aprender e ensinar. Procuo sempre mostrar otimismo dentro daquilo que faço e desenvolvo. Relembrando que de nada adianta, tudo já citado anteriormente, se não se é apaixonado pelo que faz, pois quando não se faz o que gosta, mesmo que demore um tempo, tudo acaba indo por água abaixo, a própria pessoa se cansa de se auto enganar e acaba perdendo tudo aquilo que havia construído. O otimismo que se deve ter, está conectado, tanto a autoconfiança que se deve ter, quanto ao saber transmitir seu otimismo para os outros.

O professor empreendedor é um apaixonado pelo que faz, assim como um empreendedor que atua em outras áreas. Além disso, quando ele se coloca como alguém que aprende tanto quanto ensina, está nos mostrando que o seu empenho é constante e que possui humildade para aprender. Vale salientar, ainda, que alguém que é apaixonado pelo que faz, está constantemente envolvido com a profissão, buscando alternativas para desenvolver os objetivos de aprendizagem com seus alunos.

Outro aspecto apontado foi a característica de pessoas que “São independentes e constroem o próprio destino”. Neste, as respostas dos professores variaram de “a ser desenvolvida” até “já desenvolvida”. P3 considerou que, desde 2002, trabalha numa escola distante da sua casa, mesmo tendo outras opções mais próximas, pois na escola em que está, sente que participa mais de inovações pedagógicas. Segundo o sujeito pesquisado, não basta somente a participação em sala de aula, os alunos devem correr atrás do que eles querem. Conforme afirmou P3, a autonomia se encontra no desafio: “Onde mora a autonomia? Está no desafio.”.

O P4 considerou que precisa desenvolver essa característica, pois ainda entende a necessidade de construir e reforçar no aluno a proposta de ser independente e saber construir o próprio destino. Já P1 explicou que também tenta desenvolver esta característica com seus alunos, apesar de ainda estar desenvolvendo-a: “Busco oferecer momentos e ações em que os estudantes possam ser protagonistas e independentes no seu processo de aprender fazendo. Isso eu não consigo desenvolver com todos” (P1).

De acordo com o entendimento dos pesquisados, a essência de ser alguém independente é conseguir transformar os sonhos em realidade. E, para isso, primeiro devemos transformar nossas ideias em atitudes, para, então, a partir dos resultados, mudar nosso cotidiano, conseguindo, assim, realizar nossos próprios sonhos. Isso fica evidenciado, novamente, em Trutmann (2012), que é a protagonista da sua própria vida, fazendo o que ela acha que é melhor/certo para ela, mostrando a essência da independência e de quanto ela pode vir a fazer diferença.

Quando questionados sobre a característica da “Liderança e formador de equipes”, que não se trata de comandar as pessoas, mas ajudá-las a extrair seu máximo, sendo, ao mesmo tempo respeitado por todos do grupo, os sujeitos pesquisados informaram que esta característica, ou se encontrava a ser desenvolvida, ou já desenvolvida, como era o caso de P3, o qual aponta: “Participo da equipe diretiva desde 2002 e atuo como professora conselheira, participei com alunos de projetos fora da escola ‘Liderança’, ‘Tribo nas trilhas da cidadania’... isso também trabalho com as crianças da Educação Infantil”.

P1, que considera não ter esse aspecto desenvolvido, fez uma análise das suas práticas de ensino e de aprendizagem, apontando que liderar está dentro das mais diversas situações que se tem dentro de uma sala de aula, podendo extrair o máximo de cada estudante na situação pedagógica proposta. P1 também entende que deve-se respeitar as individualidades de cada um, pois nem todos terão êxito na atividade em plenitude: “[...] ter esse olhar diferente, não avaliar pelo rendimento ou estabelecer: Ah, tem que chegar aqui!”. Assim, segundo o sujeito pesquisado, começa-se a dar mais valor às pequenas coisas, como aos passos de evolução que os alunos vão dando ao longo do tempo.

Sabe-se que poucos possuem perfil de uma pessoa líder, mas também se entende, atualmente, que essas características podem ser aprendidas. Porém, como diz P4, que considera que ainda deve desenvolver essa habilidade, algumas pessoas não gostam de se sentir líderes de outras ou assumir esse cargo: “Nunca me considere uma líder ou formador de equipes. Já assumi a direção uma vez e não gostei”.

De acordo com as diferentes falas dos sujeitos pesquisados, cabe ressaltar que, nesse contexto, pode-se perceber que ser uma pessoa com a característica da liderança, não está necessariamente ligado a representar um cargo de chefia de uma situação, pois mesmo um subordinado pode agir como um líder formador de equipes, em diversos momentos. Ser um líder, na prática cotidiana de um professor, seria conseguir extrair o máximo de cada aluno, ajudando-os nas suas dificuldades, e, ao mesmo tempo, fazendo com que o aluno descubra suas próprias facilidades e potencialidades. Desenvolver a liderança na escola vai ao encontro da definição de Hunter (2006, p. 18): “Liderança é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do caráter”.

No momento em que foram questionados sobre a característica de ser “Bem relacionado (rede de contatos/networking)”, os professores colocaram que esta era uma das características mais importantes para eles, cuja habilidade se encontrava desenvolvida e em desenvolvimento. P3 explicou: “Esta característica penso que eu deva sempre ampliar. Procuro sim participar com os alunos de atividades externas, entre outras”.

Assim como P3, P1 diz que necessita desenvolver ainda mais essa questão, entendendo que tem uma boa rede de contatos, mas que sempre poderá melhorá-la: “Ainda necessito avançar nesse sentido. Preciso ampliar essa rede, junto com todos os envolvidos”. Diferente dos colegas e com a habilidade já desenvolvida, P4 explica o seu significado de se ter um bom relacionamento: “Acho fundamental os bons relacionamentos com os colegas para desenvolver um bom trabalho”.

Com base nas falas dos sujeitos pesquisados, cabe salientar que saber reconhecer seus pontos fracos e buscar apoio em colegas de trabalho ou amigos é uma estratégia para se alcançar o sucesso. Conforme P1, ampliar constantemente essa rede é algo necessário, pois além de apoio promovido pelos colegas de trabalho, também há o crescimento pessoal ao reconhecer novas formas de pensamento. Tal afirmação tem conexão com o pensamento de Vale e Guimarães (2010, p. 200), as quais acreditam que:

[...] um determinado empreendedor poderia, por exemplo, compensar sua escassez de capital humano ou financeiro por conexões superiores, fontes de informação informais, que lhes garanta, por exemplo, o acesso às informações privilegiadas ou únicas.

A organização, até mesmo no senso comum, é tida como uma característica importante. O saber alocar recursos de maneira racional, para obter melhores desempenhos, também está no cotidiano dos professores que apontaram, com predominância, que essa habilidade se encontrava desenvolvida e que consideravam tal prática com fundamental importância. É o que afirmou P3, que atribui a sua capacidade de organização à escola: “O planejamento da escola facilita esta organização individual: programa de trabalho, plano de estudos, reuniões pedagógicas, avaliação trimestral, conselho de classe, avaliação institucional e da prática pedagógica”.

P4, que também entendia como desenvolvida esta característica, comprova a ideia de que uma pessoa organizada tem mais facilidade de alcançar o êxito em seu trabalho e nos seus sonhos: “Sem dúvidas, a organização é parte fundamental no desenvolvimento de um trabalho”. Contudo, P1 explicou que encontra dificuldades nessa área, tendo esse aspecto a ser desenvolvido: “Encontro dificuldades em cumprir prazos e datas, como também oferecer recursos necessários para melhorar o desempenho no processo de aprender”.

De acordo com as falas dos sujeitos pesquisados, cabe enfatizar que a organização é muito mais complexa do que se parece, ela é estudada desde os tempos antigos pelos filósofos, assim como a lição de Confúcio. Ele acreditava que antes de tudo, deveríamos aprender a organizar nossa própria casa, para então tentar mudar o mundo. E isso, de acordo com a Pedagogia Empreendedora, faz muito sentido, pois antes de ensinar os outros, devemos ensinar a nós mesmos.

Para colocar o Mundo em ordem, nós temos que colocar a nação primeiro em ordem; para colocar a nação em ordem, nós temos que colocar a família primeiro em ordem; para colocar a família em ordem, nós temos que cultivar nossa vida pessoal... (Confúcio, 551 a.C., 479 a.C.)

Quando questionados sobre a característica de “Possuir conhecimento”, em que o aprender continuamente é o foco, os pesquisados mostraram que esta característica se encontrava já desenvolvida entre todos os participantes, como explica P1: “Busco sempre que consigo ir ao encontro de formação e capacitação. Até mesmo leituras e reflexão da minha prática”.

Existem diversos meios de se adquirir mais conhecimento, desde leituras até a participação de eventos. P3 falou suas experiências a esse respeito: “Leio muito e participo de capacitações. Estudo nas reuniões pedagógicas”.

Em relação a isso, P4 fez uma menção diferente, porém muito importante, dizendo que não se deve temer o novo, mas entendê-lo: “E mesmo que algo “novo” apareça é preciso procurar a informação, o conteúdo, o saber”. Para complementar o pensamento dos professores, trazemos Dornelas (2012), o qual entende que conhecimento na área em que se atua é extremamente necessário, sua importância é vitalícia pois, sem ele, nada se conseguirá. O conhecimento é como a base para todo estudo empreendedor, sem ele, a estrutura montada para se alcançar a diferença/ o sucesso, irá desmoronar.

Quando foi apresentada a característica de “Saber correr riscos calculados”, os professores mostraram que esta característica estava tanto desenvolvida como a ser desenvolvida. P4, por exemplo, entende ter um pouco de dificuldade nessa área: “Os desafios muitas vezes me assustam primeiramente, mas aos poucos vou me acostumando”.

Com uma experiência um pouco maior nessa questão, P3, que considera ter a habilidade já desenvolvida, afirma que dar aulas de maneira não convencional, ou não atrelada aos padrões, acarreta em tirar os alunos da sua zona de conforto, ao mesmo tempo em que consegue atender a todos.

Assim como na fala dos professores, Dornelas (2012) entende que para assumir-se os riscos realmente calculados, deve-se ter um conhecimento amplo acerca do assunto tratado. Em outras palavras, arriscar é também ter a coragem de enfrentar desafios.

A última característica pesquisada foi “Criar valor para Sociedade”. P3 entendeu que já desenvolveu essa característica, visto que realiza diversas atividades dentro de sua cidade, para motivar e conscientizar seus alunos, como visita aos bairros, saídas de estudos, entre outras. Por outro lado, P4 mostrou que ainda precisava desenvolver essa habilidade, dizendo que: “Preciso aprender mais sobre como lidar e poder ajudar este meu aluno”.

Ressaltando o que foi dito pelos pesquisados, salienta-se que ao utilizar seu capital intelectual para a criação de algo com valor a sociedade, o educador consegue desvendar os olhos dos seus alunos, fazendo com que eles consigam, com mais facilidade, enxergar o mundo em que vivem, tanto as partes boas como seus problemas. Isso é algo que sempre deve estar presente no cotidiano dos professores, buscando levar seu aluno à inovação, à informação, etc. Nessa linha, afirma Moran (2004, p. 348):

Educar é um processo cada vez mais complexo porque a sociedade também evolui rapidamente, exige mais competências, torna-se mais complexa também. Em geral temos avançado em descobrir novas formas de ensinar e de aprender. Hoje não basta. Além de focar a aprendizagem, é importante preparar os alunos para que sejam empreendedores, inovadores, criativos; que tenham um bom conhecimento de si mesmos, uma boa autoestima e que aprendam a ser cidadãos, com um comportamento ético e preocupação social crescentes.

Nesse estudo, evidenciamos que o empreendedorismo pode estar em todos os lugares, desde que as pessoas criem estratégias para empreender e inovar em busca de objetivos comuns. A escola e o setor educacional como um todo – inclusive a Educação Infantil, foco deste estudo – podem ser um elo entre a criança e o mundo, abrindo espaço para novas formas de pensar e de organizar a sua vida.

Considerações finais

Através da análise dos dados, percebe-se que a cultura empreendedora está sendo inserida nas escolas gradativamente, tendo em vista que os conceitos da pesquisa eram utilizados pelos quatro professores pesquisados. Percebeu-se que tais professores, além de ministrarem práticas inovadoras nas aulas, contribuíram para o aprender a empreender e para a melhoria do ensino como um todo.

Os sujeitos pesquisados, de forma íntegra, desconheciam os pressupostos que norteiam a Pedagogia Empreendedora, contudo, ainda assim, aceitaram e colaboraram com o projeto. Com isso, mostraram que possuem diversas características do perfil de uma pessoa empreendedora, pois saíram de suas zonas de conforto, agregando valor a suas aprendizagens. Outrossim, todos os professores mostraram que praticavam e utilizavam os princípios de uma educação empreendedora em suas práticas pedagógicas, como em momentos nos quais eles preferiam ajudar seus alunos, mesmo que isso significasse um desvio do conteúdo previsto para a aula.

Vendo os resultados a partir de outro ângulo, pode-se perceber que uma situação que atinge o sujeito P1 é sua falta de confiança no trabalho. Apesar de apresentar trabalhos excepcionais com seus alunos, o professor acredita que não tem amplo domínio sobre os conteúdos, mesmo ele próprio falando que sempre está atrás de mais formação e capacitação. Este mesmo sujeito é o único dentre os pesquisados que diz que não sabe se organizar, sendo outro aspecto preocupante a se mencionar.

Pôde-se observar também que P4 encontrou algumas dificuldades em questões de superação de obstáculos, pois comentou até mesmo que esses mesmos problemas o fizeram ter que ir reforçando sua paixão pela prática pedagógica, o que provavelmente acarretará em desânimo, quando encontrar obstáculos ainda maiores. O sujeito pesquisado também comenta que não se sente um líder e que não gosta de ser um, o que nos mostra que o conceito falho de líder ainda é muito presente nas escolas. Um líder não é o sujeito que apenas comanda, mas alguém que consiga extrair o máximo de potencial do seu grupo, fazendo-o funcionar melhor. No âmbito escolar, a liderança refere-se a facilitar a caminhada do aluno, mostrando diferentes caminhos a serem seguidos para que ele possa realizar seu sonho.

Com a sua demasiada bagagem em relação ao âmbito pedagógico, sendo até mesmo já aposentado, P3 apresentou que todas as características estavam em desenvolvimento ou desenvolvidas. Com isso, trouxe-nos um verdadeiro exemplo de professor com características empreendedores, mesmo nunca tendo ouvido falar dessa teoria.

Com o presente estudo, podemos observar um cenário promissor para o uso dos pressupostos do Empreendedorismo nas salas de aulas. Lopes (2010) coloca que, de um modo geral, o principal obstáculo para socializar a Educação Empreendedora é a falta de motivação dos professores, já que estão despreparados para trabalhar com processos de ensino e de aprendizagem inovadores e empreendedores. A pesquisa aqui apresentada nos mostra que os professores entrevistados, na sua totalidade, estão ampliando seu desenvolvimento profissional, por meio de processos contínuos de reflexão, capacitação e atitudes empreendedoras.

Referências

ALVES, Rubem. Rubem Alves: a educação como um ato de amor à vida. In: MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 89-122.

- BARDIN, Laurence: **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.
- CUNHA, Maria Isabel da. **Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no Ensino Superior**: a docência e sua formação. Campinas: Papyrus, 2004.
- DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001. (Guia da Escola Cidadã, v. 6).
- DOLABELA, Fernando: **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.
- DORNELAS, José Carlos Assis: **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- FREIRE, Madalena. Madalena Freire: a educação como diálogo entre diferentes saberes. In: MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 235-256.
- HUNTER, James C. **Como se tornar um líder servidor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- LOPES, Rose Mary. **Educação Empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, São Paulo: Sebrae, 2010
- MARTINS, Silvana Neumann. **Educação empreendedora transformando o ensino superior**: Diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 2010. 156f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- MENDES, Maria Teresa Teixeira. **Educação empreendedora**: uma visão holística do empreendedorismo na educação. 2011. 305 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2011.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
- MORAN, José. Manuel. A contribuição das tecnologias pedagógicas para uma educação inovadora. **Contrapontos**, Itajaí, v. 4, n. 2, p. 347-356, 2004.
- MOREIRA, Marco Antonio. **Metodologias de pesquisa em ensino**. São Paulo: Livraria da Física, 2011.
- TRUTMANN, Nathalie. **Manual para jovens sonhadores**. Disponível em: <<http://elivros.love/book/download-manual-para-jovens-sonhadores-nathalie-trutmann-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 8 mar. 2018.
- VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; GUIMARÃES, Liliane de Oliveira: Redes sociais, informação, criação e sobrevivência de empresas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 195-215, 2010.